

» SEVERINO FRANCISCO

De abril de 1984 até dezembro de 1986, um teatro balançou a vida cultural de Taguatinga e estabeleceu um novo eixo das artes no DF. Em uma conjunção histórica favorável, o Teatro Rolla Pedra nasceu a partir da emergência das bandas de rock da era de ouro de Brasília, capitaneada por Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude. Elas passaram por lá e inspiraram a criação de novas bandas e novos projetos. Mas não foram somente as pedras do rock que rolaram.

O Rolla Pedra era mais do que um espaço; era um polo cultural. Aglutinou diversas tribos de jovens em torno da música popular, do rock, do teatro e das artes plásticas. Figuras tão díspares quanto o dramaturgo Plínio Marcos ou a feminista Rose Marie Muraro estiveram no teatro de Taguatinga. O Rolla Pedra foi criado por José Fernandez, professor de geografia, Zé Maria, professor de física do Colégio Objetivo, e Marco A, analista de sistema.

Embora tenha durado apenas dois anos, o espaço exerceu um impacto sobre várias gerações. É essa história que o poeta e professor Paulo Kauim conta no livro *Teatro Rolla Pedra - Arte e utopia sob nuvens de chumbo*. Kauim é professor do Centrão de Taguatinga, ama lecionar e escreveu o livro nos períodos de férias. Nesta entrevista, ele conta como nasceu o Teatro Rolla Pedra, a razão do fechamento, as histórias e o impacto na vida cultural de Taguatinga e do DF.

POLO CULTURAL DE TAGUATINGA



O poeta e professor Paulo Kauim reconstitui, em livro, a história do Teatro Rolla Pedra, que agitou a vida cultural da cidade na década de 1980 e estabeleceu um novo eixo das artes no DF

Entrevista / Paulo Kauim

Como é o seu envolvimento com essa história do Teatro Rolla Pedra?

Meu envolvimento acontece em uma fase em que Taguatinga era um deserto cultural. Ouvia Jorge Mautner, Novos Baianos e Luis Melodia na casa dos amigos, mas não havia um ponto aglutinador. De repente, surgiu um teatro que reunia as tribos mais diferentes: lá, se reuniam os punks, os roqueiros, o pessoal do teatro. Nunca vi nada parecido como o Rolla Pedra naquele momento.

Como construiu a história do Teatro Rolla Pedra?

O nome do livro é *Teatro Rolla Pedra — Arte e utopia sob nuvens de chumbo*. Estruturei o livro para falar da aventura do teatro, da música e da dança. E convidei pessoas para colaborar, entrevistei mais de 200 pessoas. O livro de entrevistas da Clarice Lispector foi muito importante para contar a história do Teatro Rolla Pedra. E outra referência importante foi o livro *Mate-me por favor*, uma história sem censura do punk. A partir desses livros, montei a estrutura do meu jeito. Tem o formato de documentário de cinema, uma hora fala o guitarrista, em outra, quem frequentou. Tem depoimentos de Bonfá, Dado Villa-Lobos, Phillipe Seabra, Fê, Loro Jones, José Regino e Miquéias Paz.

Como avalia a contribuição do Rolla Pedra para a cultura em Taguatinga e em Brasília?

Avalio como uma ruptura na própria história. Taguatinga era uma cidade pacata, com pequeno comércio e vida conservadora. Mas, de repente, alguns estudantes de Taguatinga na Universidade de Brasília conhecem a banda Aborto Elétrico. Eles ficaram eletrizados com aquela ideia e quiseram levar aquilo para Taguatinga.

O Rolla Pedra era um local para levar o rock, o teatro e as artes plásticas. Eles entraram em contato com o grupo da Lira Paulistana em São Paulo, que tinha Arrigo Barnabé, Eliete Negreiros e Itamar Assumpção. É exatamente o que aconteceu em Taguatinga, com a chegada da Legião Urbana, da Plebe Rude, de Renato Matos, do Detrito Federal. A Lira Paulistana foi uma fonte de inspiração. Plínio Marcos fez uma série de performances pelo Brasil inteiro e passou por lá. Rose Marie Muraro, uma das primeiras feministas do Brasil, participou de um debate.

Quanto tempo durou o Teatro Rolla Pedra e por que ele foi fechado?

Durou de abril de 1984 até dezembro de 1986. O que desencadeou o fechamento foi a intriga com um vizinho do lado. Fizeram abaixo assinado para fechar o Rolla Pedra, sob a alegação que provocava muito barulho. Os primeiros shows da Legião Urbana, do Finis África, da Plebe Rude foram lá. E foi lá que nasceu a ideia do disco *Rumores*, com várias bandas de Brasília. É impressionante como abrigava signos diversos, sem preconceitos, com várias linguagens.

O que aconteceu com o Teatro depois do fechamento? Ele desapareceu fisicamente?

Depois que ele fechou, virou um depósito de material do Fernandez. Virou o nome de um festival para bandas iniciantes. Há alguns anos, botaram uma placa em homenagem, mas em um prédio errado. A mãe do Renato Russo e a irmã estiveram lá. E, agora, o Phillipe Seabra, da Plebe Rude, colocou uma placa definitiva sobre o Rolla Pedra no lugar correto. Faz parte do roteiro do rock em Brasília. O teatro não existe mais, os donos eram José Fernandez, professor de geografia, Zé Maria, professor de física do Objetivo, e Marco A, analista



Fotos: Ivaldo Cavalcante/Divulgação; Ivaldo Cavalcante/Divulgação; Ivaldo Cavalcante/Divulgação; Ivaldo Cavalcante/Divulgação e Ivaldo Cavalcante/Divulgação

HISTÓRIAS DO ROLLA PEDRA

O grupo Gente de Casa foi se apresentar no Rolla Pedra. Dênis, da Escola de Música, convida o Nema para assistir ao show. Quando vê a performance de Jorge Helder, fica tomado e, imediatamente, forma o grupo Pégasus e toca no Rolla Pedra. Quando tocou no Blue note, de Nova York, acompanhando Ivan Lins, Paul McCartney ficou impressionado como Nema tocava samba no contrabaixo e foi até o camarim. Nema pegou o instrumento e ensinou para Paul McCartney. Ele aprendeu a tocar daquele jeito no Teatro Rolla Pedra, ao assistir ao show de Jorge Helder.

Na passagem de som, Legião, Renato Russo cantou uma canção de Roberto Carlos, ao som do teclado. O pessoal do Ecad estava lá e encrencou. Deu trabalho para a produção do Rolla Pedra convencer os funcionários do Ecad que Legião Urbana não era cover de Roberto Carlos, era uma banda completamente autoral.

Quando não tinha show, o Partido Comunista, ainda clandestino no fim do regime militar, baixava as portas e fazia as reuniões clandestinas. Em uma dessas reuniões, eles decidiram levar o cantor cubano Pablo Milanês para fazer um show em Ceilândia.

de sistema. Ele ganhava não sei quantos dólares de salário, mas ficou tão empolgado com a música que queria largar tudo para produzir shows de rock.

Qual a repercussão da existência do Teatro Rolla Pedra na cultura de Taguatinga?

Teve impacto enorme. Taguatinga era uma cidade-dormitório, mas, com o Rolla Pedra, passou a receber gente do Plano Piloto, do Lago Norte, do Lago Sul e, principalmente, passou a produzir cultura. A Beth Ernest Dias e a Silvia Passaroto fizeram duo de flauta e harpa tocando peças de Claudio Santoro. Então, houve uma

interação muito forte, a cultura circulou e a cidade cresceu.

Qual a sua intenção ao escrever o livro e como gostaria que fosse recebido?

A minha ambição é fazer uma psicanálise da cidade, gostaria de provocar uma reflexão, a partir da experiência do Rolla Pedra, para que fosse possível criar um presente e um futuro menos bárbaro. Porque a cidade está abandonada. De cultura, em Taguatinga, você só tem o Bar do Kareka. Você não tem galeria de arte, não tem cinema, só cinema de shopping. Antes da pandemia, já havia

a ausência de uma pulsação cultural. Quem possa ler, em qualquer lugar, pense: caramba isso estava acontecendo de forma tão forte e a própria cidade deixou de produzir. A gente tem a sensação de que não faz mais música. As pessoas estão presentes na rede social, tem muita coisa boa, mas não chega ao público mais amplo. Então, é preciso arrancar a ferrugem das pessoas, para que fiquem mais indignadas e se movimentem no sentido de fazer as coisas acontecerem como ocorreu nos tempos do Teatro Rolla Pedra. Dedico esse livro aos inimigos da beleza.

GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

P

A

R

T

O

@gurulino

